

29 SET 1990

Sintomas camuflados

Como já ocorreu em outras ocasiões, tanto em governos passados como durante os primeiros meses de aplicação do plano de estabilização adotado pela atual administração, o desempenho da economia brasileira mantém sua tradição de decepcionar os catastrofistas de plantão. Assim como a tão temida quanto prevista hiperinflação não chegou a ocorrer no ano passado, a estagnação — tenebrosa síntese de estagnação com inflação — não deu o ar de sua (des)graça, mesmo por ocasião do supostamente aziago mês de agosto. E o mês de setembro estentora sem ter se tornado negro como se agourava.

Instituições tão diversas como a Fundação Getúlio Vargas e o Dieese constatam que a inflação não caiu fulminada como se esperava, seis meses após a posse do novo governo, mas adotou um comportamento sensivelmente mais comedido e analisável. Em agosto, o Índice Geral de Preços da FGV foi ligeiramente inferior ao de julho e a Cesta Básica aferida pelo organismo intersindical — que aliás está adotando uma série de medidas para reduzir seus próprios gastos — demonstra ter absorvido, durante a segunda e a terceira semanas do mês, os efeitos de aumentos em outros setores.

Ainda em agosto, a produção industrial paulista, dublê de carro-chefe e termômetro, teve um aumento de 6,8% em relação a julho. Tal desempenho pode não ser brilhante, até porque é 5,9% inferior ao mesmo período do ano passado, mas não deixa de ser satisfatório.

Outros dados são menos tranqüiliza-

dores. Reunidos no Rio, os supermercados previram uma queda nas vendas de 17% no mês de setembro e uma ligeira recuperação até o fim do ano. Também o mercado automobilístico aponta para retração, mas sinais de retomada até dezembro. Ao embalo da crise no Golfo Pérsico, e levados pela mão dos preços do petróleo, o câmbio paralelo e o ouro deixaram a letargia em que se encontravam, embora não demonstrem grande entusiasmo. Quanto às bolsas de valores, dizer que “andam de lado” tornou-se redundante.

Tantos índices e cotações reunidos não chegam a sugerir uma clara tendência para o comportamento da economia brasileira. É precisamente esta situação que deve nos induzir à reflexão. Os efeitos mais profundos e duradouros do enxugamento monetário, em particular pelo canal da elevação dos custos financeiros, e o impacto efetivo do aumento dos preços do petróleo, ainda não se fizeram sentir. Os sintomas de uma recessão provocada por estes fatores serão camuflados nos próximos meses pelos gastos associados ao 13º salário dos trabalhadores e às compras de fim de ano. O ano que vem, nestas circunstâncias é uma incógnita. É neste momento que trabalhadores e empresários, consumidores e produtores deverão agir com cautela e bom-senso para evitar que seus atos tenham o efeito de uma carga solta a bordo em um avião em meio à turbulência. O agravamento da situação pode ser fruto daquilo que os economistas já chamaram de “reversão das expectativas”.